



MISTÉRIOS
ESCONDIDOS
EM ALTO MAR
Mafalda Moutinho

Ilustrações
Umberto Stagni



Índice

[13]	NOTAS E AGRADECIMENTOS
[17]	LISTA DE PERSONAGENS
[21]	I – ITÁLIA, GRÉCIA, CROÁCIA, TURQUIA OU EGITO?
[33]	II – <i>PLEASE HELP ME!</i>
[55]	III – <i>THE ROYAL PINK</i>
[81]	IV – 7140
[101]	V – AS REUNIÕES MISTERIOSAS
[115]	VI – <i>THE ROYAL PAIN IN THE NECK</i>
[151]	VII – 7141
[175]	VIII – OPERAÇÃO MENSAGEM ESCONDIDA
[197]	IX – OPERAÇÃO PERDIDOS E ACHADOS
[217]	X – OPERAÇÃO LIVRO DE NOTAS E OPERAÇÃO GENEALOGIA



To Cal and Joshua,

*For making me happy every day and
helping me do what I love most in my life*

NOTAS E AGRADECIMENTOS

De quando em quando, ao definir o rumo que tomará um novo livro, decido inclinar-me para a velha fórmula do *whodunit*, o tradicional romance policial, em que, num determinado grupo de pessoas, um indivíduo comete um crime e outro investiga o caso até conseguir descobrir quem é o culpado.

É claro que, ao escrever para jovens, não posso utilizar os mesmos estratagemas que utilizaria num romance para adultos e, por isso, os típicos assassinios deste género literário estão ausentes nas aventuras d’Os Primos (ainda que aborde algumas problemáticas sérias e tristes que assolam o mundo de hoje, mas já lá vamos).

No entanto, este é um perfeito exemplo de como uma *limitação* pode acabar por se transformar num excelente estímulo criativo, pois obriga-me a criar estratégias alternativas que, admito, me dão uma grande satisfação.

Como tenho dito nas muitas palestras e visitas a escolas realizadas ao longo de mais de vinte anos, as histórias que mais gosto de escrever são as que começo sem conhecer o final.

Quando tal acontece, é como se, de certa forma, eu passasse para o lado do leitor, partilhando com ele a tensão e a ansiedade de não saber o que vem a seguir. Pode parecer estranho, visto que quem está a escrever a história sou eu, mas garanto-vos que é uma sensação estrepitosa.

Mistérios Escondidos em Alto-Mar é uma destas histórias. Baseia-se, como sempre, em experiências pessoais, nomeadamente nos vários cruzeiros que tenho feito ao longo da vida e, sobretudo no que fiz no ano passado. Muitas das personagens que descrevo surgiram misturando características de pessoas com as quais me cruzei aqui e ali e algumas cenas são a adaptação de momentos verídicos. Mas começou com uma ideia muito geral, muito pouco definida, e foi surgindo a pouco e pouco. Os Primos iam vivendo os acontecimentos praticamente à mesma velocidade que eu, e deitava-me muitas vezes a pensar: «O que lhes irá acontecer amanhã? Quem irão encontrar? Com que mistérios se irão deparar?»

Voltei, por isso, às origens e à razão que me levou a escrever, este amor por histórias de mistério e a influência de Agatha Christie. Espero que o leitor se divirta tanto a desvendar o novo enigma dos nossos heróis quanto eu me diverti a criá-lo.

Voltando, agora, à parte menos alegre da história. As minhas obras são a minha voz e, por isso, não posso deixar de me indignar publicamente contra alguns acontecimentos deploráveis ocorridos nos nossos dias. Não me sentiria bem comigo própria nem me perdoaria, no futuro, ao reler o que escrevera e recordando o que decidira não escrever.

Escolhi, desta vez, fazer um paralelismo entre uma situação atual e concreta, que envergonha a raça humana, e uma parte do enredo deste livro. A alguns passará despercebido, mas a

outros dará que pensar e é isso que espero dos meus leitores. Que pensem. Que critiquem. Que não aceitem barbaridades sem se exprimirem sobre elas, usando a capacidade e a energia típicas da juventude.

Se há algo que os seres humanos deveriam poder reivindicar para si próprios é exatamente isso, *serem humanos*. Mas o que alguns governantes (e os que os seguem) fazem, por vezes, é tudo menos humano. Nem os animais rasam territórios ao solo, destruindo tudo e todos pela frente. E em nome de quê? De quem?

Como diz a Ana nesta aventura, se um extraterrestre chegasse hoje à Terra, ao ver o que se está a passar numa certa zona do planeta, sem dúvida diria que nada justifica a morte de mais de 60.000 pessoas, entre elas tantas mulheres e crianças, mais do dobro de feridos e a destruição da maioria das casas, das escolas, dos hospitais, das lojas, das estradas e dos campos daquela pobre gente. Nada.

* * *

Gostaria de agradecer a alguém que não posso nomear, por sua expressa vontade, mas que me deu informações valiosas relativas aos bastidores dos navios de cruzeiro. Estes constituem uma espécie de mundos paralelos aos nossos, por vezes com regras próprias e segredos muito bem guardados...

Por outro lado, tenho de referir Nuno Ribeiro, criador do Blog dos Cruzeiros (www.cruzeiros.com.pt), e agradecer-lhe pela paciência e conhecimento com que respondeu a todas as minhas perguntas, pois revelou-se uma valiosíssima fonte.

Agradeço também a, chamemos-lhes, Wayan e Nengah, que me forneceram informações indispensáveis relativas aos membros da tripulação de um navio e à forma como estes se movimentam e operam dentro do mesmo.

Por fim, agradeço ao meu querido marido Cal, com quem tive longas conversas sobre as possíveis direções a conferir ao enredo desta obra, e ao meu filho Joshua pelo apoio contínuo, pelas sugestões e pelas gargalhadas que trocamos constantemente. Obrigada a ambos por continuarem a acompanhar-me nestas viagens de exploração.

Obrigada também aos meus pais, que tiveram a ideia de fazer um cruzeiro com toda a família no ano passado, e que sempre me ajudaram em tudo, à minha imparável editora, Carla Teixeira, ao revisor Manuel Coelho, ao ilustrador Umberto Stagni e aos milhares de fãs da coleção, que continuam a acompanhar os mistérios, as alegrias, as apreensões, as façanhas e as viagens da Ana, da Maria e do André por este mundo fora.

Cascais, 21 de julho de 2025

LISTA DE PERSONAGENS

(por ordem de aparição)

Ana, Maria e André

Os três primos são os heróis desta aventura.

Embaixador Hugo Torres e embaixatriz Sara Torres

Os pais de Ana e Maria.

Isabel e Carlos Serrano

Os pais de André.

Sr. Gama

Português a quem a Sra. Kradzhov acusa de lhe ter roubado a mala no terminal de cruzeiros de Veneza.

Sra. Kradzhov

Búlgara que acusa o Sr. Gama de lhe ter roubado a mala no terminal de cruzeiros de Veneza.

Steffy Hastings

Inglesa, colega de escola de Maria, filha da embaixadora Alexandra Hastings.

Embaixadora Alexandra Hastings

Inglesa, embaixadora do Reino Unido na Turquia, colega do embaixador Torres.

Matthew e Gregory Clifton-Hawcroft

Inglêses, de 16 e 18 anos respetivamente, filhos do magnata Oliver Clifton-Hawcroft.

Nina e Pippo

Jovens italianos, influenciadores digitais famosos.

Seven Miles e Mylesan Miles

Gêmeos irlandeses, 16 anos, filhos do famoso escritor Orson Miles.

Orson Miles

Famoso escritor irlandês, pai de Seven Miles e Mylesan Miles.

Banoy

Filipino, camareiro dos primos.

Rosa Clyde

Afamada e riquíssima empresária africana de meia-idade, proveniente da Nigéria.

Jonathan Dick

Político americano de meia-idade, conhecido por participar em painéis internacionais constituídos para resolver conflitos entre países.

Ni Made

Balinesa, empregada de mesa das famílias Torres e Serrano.

Stefano Mancini

Jovem italiano, técnico de informática numa empresa de telecomunicações em Milão.

Amelia Newton

Jovem professora primária inglesa.

Oliver Clifton-Hawcroft

Magnata inglês de meia-idade, cuja fortuna tem origens obscuras, de família inglesa humilde, pai de Matthew e Gregory.

Erica Seldon

Jovem inglesa, futura Sra. Clifton-Hawcroft.

Dilara e Çelik

Casal de trapezistas oriundos de uma antiga companhia de circo búlgara.

Kruno e Jadran

Polícias croatas.

Sra. Odesa

Empregada da equipa de limpeza.

Jamie Cosgrove

De origem inglesa, toma parte nas negociações com os embaixadores Hugo Torres e Alexandra Hastings.

ITÁLIA, GRÉCIA, CROÁCIA, TURQUIA OU EGITO?

Sentada à secretária da irmã, Ana largou um suspiro impaciente, enquanto enrolava e desenrolava um dos seus caracóis castanho-claros entre os dedos.

– Será possível que eu não encontre informações sobre este homem em lado nenhum?! – queixou-se.

– Nem sequer um perfil nas redes sociais? – perguntou André.

– Nada!

– Impossível! – exclamou ele, incrédulo.

– Que disparate! Nem toda a gente tem perfis nas redes sociais... – observou Maria, distraidamente, enquanto fazia a mala.

– Pois não, mas também não há nada escrito sobre ele em nenhum artigo de jornal, em blogues, em *sites* de empresas ou de universidades, em registos públicos... – insistiu a irmã mais nova. – Ou seja, não há qualquer referência a ele na Internet. E acreditem que procurei por todo o lado. Jamie Cosgrove parece um fantasma.

– Ummm... Fantasma não será, mas se é amigo do vosso pai, aposto que é um espião do MI5¹ – disse André, com um risinho matreiro, que as sardas ajudavam a realçar.

O rapaz encontrava-se no seu quarto, em Évora, e estava com as primas apenas virtualmente, através da videochamada que Maria tinha aceiteado e agora quase interrompia, ao atirar com uma almofada ao telemóvel instalado sobre a cómoda, na brincadeira.

A câmara ficou a apontar para o teto e ela voltou a posicioná-la de forma a permitir que o primo tivesse uma boa visão do quarto e as pudesse ver a ambas.

André, porém, respondera ao gracejo da prima fingindo-se de morto, deitado sobre a cama, de olhos fechados, boca e um dos braços abertos, com o telemóvel a apontar para si próprio, em posição de *selfie*, como se tivesse sido atingindo mortalmente. Só se levantou quando a rapariga o chamou pela terceira vez.

– Que idiota! És sempre o mesmo – protestou Maria, rindo, enquanto se afastava do dispositivo e voltava ao que estava a fazer.

– Estás farto de saber que o nosso pai não é espião, é diplomata.

– Sim, eu sei, é embaixador, mas qual é o diplomata que não tem amigos espiões?

Maria abanou a cabeça e continuou a fazer a mala, hesitando entre alguns biquínis, mas acabando por decidir levá-los todos.

Estava calor, muito mais do que era habitual para o mês de julho em Londres. As janelas do quarto de Maria estavam abertas de par em par.

No jardim, frente ao número 12 de Belgrave Square, onde se situava a residência do embaixador de Portugal em Londres,

¹ O MI5 é o serviço secreto de informações de segurança interna britânico. (N. da A.)

ouviam-se os passarinhos cantar, animadíssimos com as temperaturas insólitas.

– Aposto que o Sr. Cosgrove é apenas uma pessoa que dá valor à sua privacidade – rematou, mostrando ao primo que aquela discussão morria ali.

Ligeiramente desiludido, André decidiu provocá-la:

– Desculpa lá, Maria, mas... estás a fazer a mala?!

Sendo retórica, a pergunta não obteve resposta. Era evidente o que a prima estava a fazer.

– Mas quem é que faz a mala *três semanas* antes de partir?! – insistiu, ele.

Ana levantou os olhos do ecrã do computador e observou a irmã mais velha com ar desconfiado. Estava tão embrenhada na sua pesquisa que nem tinha dado conta.

Maria parecia rodopiar dentro do quarto, abrindo e fechando armários e gavetas, colocando peças de roupa à sua frente e analisando como lhe ficavam ao espelho, com a satisfação de uma criança num parque de diversões.

A irmã era a única pessoa da família que adorava fazer malas. Talvez por andar sempre à procura das últimas tendências da moda e adorar escolher roupas, coisa que fazia tanto para ela como para as amigas, quando se reuniam em casa umas das outras. Porém, mesmo para Maria, três semanas eram uma antecedência inédita. Sobretudo quando ainda nem sequer conheciam o destino das férias.

– Maria, o pai, por acaso, disse-te para onde íamos?

– Claro que não! Nem a mim nem a ninguém – respondeu a irmã, dedicando-se agora à seleção das calças. – Nem a mãe sabe. Parece que, desta vez, ele quis fazer-nos uma surpresa.

– Pois eu cá acho que não se trata de querer fazer uma surpresa – disse André e, voltando ao ataque, acrescentou:
– Aposto que é mesmo *top secret*! Coisa de espões!

Maria sorriu e encolheu os ombros, decidida a ignorá-lo.

– Os meus pais também vão connosco e nem eles sabem para onde – continuou ele. – E olhem que obrigar a minha mãe a confiar no vosso pai sem fazer perguntas, não tem sido fácil.

– Como se isso fosse possível! – comentou Maria, com um risinho. – A tua mãe faz *sempre* perguntas!

André largou uma gargalhada.

– Ah, ah, ah! OK, tens razão, aliás, ela não tem feito outra coisa – admitiu. – Não percebe, sobretudo, que o vosso pai insista em guardar segredo até ao último momento. Mas é o que eu digo, deve ser uma questão *top secret*!

– André, se fosse *top secret*, ele não ia levar a família toda de férias com ele, não achas? – acabou por observar Maria, colocando um vestido elegante à sua frente, enquanto se observava ao espelho. – Nem ia dar-nos uma oportunidade de adivinharmos para onde íamos, pois não?

– Bem... Deixar-nos inventar todas as hipóteses que nos ocorreram sem negar ou confirmar não é propriamente *dar-nos uma oportunidade de adivinhar* – contestou o primo. – Tanto quanto sabemos, podemos acabar em Itália, na Grécia, na Croácia, na Turquia ou no Egito.

«Ou então em qualquer outro destino no Mediterrâneo que não nos lembrámos de sugerir na altura, pois essa foi a única pista que ele nos deu. E quanto a levar a família atrás, pode muito bem ser apenas uma manobra de diversão para afastar suspeitas.»

Ao ver que Maria ficava inexplicavelmente em silêncio, Ana mordeu o lábio, pensativa. Aquele não era o comportamento

normal da irmã. Se a tia Isabel era inquisitiva, Maria era-o cem vezes mais. Além disso, tinha um medo absurdo de aranhas que, já no passado, a levava a tentar abortar planos de viagem por pensar que iria encontrar os aracnídeos mais perigosos do planeta no local de destino. Como era possível que desta vez estivesse tão calma?

«Será que ela sabe alguma coisa que nós não sabemos?», perguntou a si própria.

– Por falar em suspeitas, a única pista é que este tal Jamie Cosgrove também vai para o mesmo sítio que nós – comentou, enquanto observava atentamente a irmã. – E só sabemos porque eu ouvi o pai ao telefone a combinar encontrar-se com ele quando já estivermos de férias.

Maria, porém, continuava a não participar no debate.

– Mas também não é grande pista – insistiu Ana – visto que continuamos a não fazer ideia de quem este tipo é.

– Bem... O nome é tipicamente inglês – notou André.
– Será que desta vez vamos passar férias por aí, em terras de Sua Majestade?

Ana levantou-se e olhou para a montanha de biquínis e fatos de banho que Maria tinha colocado na mala, bem dobradinhos e organizados por cores, e viu neles mais uma oportunidade para tirar nabos da púcara.

– As alterações climáticas têm-nos trazido dias muito quentes, sobretudo aqui em Londres... – começou por dizer, pegando na revista de viagens que repousava sobre a secretária da irmã e cujo último número era dedicado ao Reino Unido. – Mas há uma razão para as praias britânicas, embora magníficas, aparecerem quase sempre desertas nas fotografias...

– Ummm... imagino que sejam mais para quem gosta de água gelada e vento a assobiar em dunas infinitas – deduziu André.

– Ou para quem prefere a sensação de estar completamente sozinho num lugar remoto do planeta – concordou Ana, abrindo a revista e mostrando ao primo e à irmã a praia de Cuckmere Haven, no Sussex, um perfeito exemplo de cortar a respiração.

– Sim, realmente são lindas, e até há quem defenda que são das praias mais bonitas do mundo, mas temos de admitir que estão quase sempre vazias – acabou por anuir Maria, dedicando-se agora à escolha dos sapatos que iria calçar com aquele vestido. – E quando há pessoas, o mais provável é estarem vestidas dos pés à cabeça.

– Exatamente! Isso significa que, se ficarmos por aqui, não precisas de levar esses biquínis todos contigo – observou Ana.

Não lhe dando ouvidos, Maria deixou ficar os biquínis dentro da mala e selecionou um bonito colar verde a condizer com o vestido.

Ana franziu o sobrolho, cada vez mais admirada com a determinação da irmã na escolha das peças de roupa, sapatos e acessórios.

– De certeza que não sabes para onde vamos? – insistiu, desconfiada.

– ã-hã – confirmou ela, abanando a cabeça.

Ana recordou outras situações em que Maria e o pai tinham partilhado segredos relativos às férias. Segredos esses que ela e o primo só muito mais tarde tinham ficado a conhecer, como acontecera na ida a Marrocos.² Estaria o mesmo a passar-se desta vez?

² Ver *A Lenda do Livro dos Segredos*, no qual Maria cria um plano que apenas o pai e ela conhecem e que determina toda a aventura vivida pelos primos em Marrocos. (N. da A.)

Conhecia bem a irmã e sabia que, em condições normais, ela estaria a consumir-se de curiosidade e a fazer de tudo para desvendar o mistério. Agora, contudo, mostrava-se estranhamente desinteressada.

– Ummm... Porque é que tenho a sensação de que estás a esconder-nos alguma coisa? – desabafou.

Maria, porém, fingiu não a ouvir, continuando empenhada na sua tarefa.

* * *

– Veneza! – exclamou Isabel, correndo a abraçar o irmão mais novo com o seu habitual entusiasmo.

O embaixador Hugo Torres sorriu e respondeu ao abraço colocando apenas uma das mãos nas costas dela, antecipando precisar da outra para evitar que os óculos de sol lhe saltassem do topo da cabeça.

Acabavam de se reunir na área das chegadas do aeroporto Marco Polo, onde tinham marcado encontro. A família do embaixador chegava de Londres, enquanto a da irmã Isabel vinha de Lisboa.

– Estamos encantados! – continuou ela, largando o irmão e puxando então pelo marido. – Foi aqui que o Carlos me pediu em casamento e há anos que falamos em voltar. Parece que adivinhavas!

– Bem... – murmurou o embaixador, abrindo o colarinho da camisa como se precisasse de ar.

– É óbvio que não organizaste estas férias para celebrares o nosso casamento – riu ela, interrompendo-se para cumprimentar a cunhada, Sara, e as sobrinhas. – Eu sei que é apenas uma oportunidade para a família se reunir.

– Sim, claro – disse ele, sorrindo. Depois, aproveitou para mudar o rumo da conversa: – Preciso dos vossos documentos de identificação por uns momentos.

Sara entregou-lhe os seus e os das filhas e Carlos preparava-se para fazer o mesmo com os de Isabel e de André, quando decidiu oferecer-se para o acompanhar:

– Vou contigo, Hugo.

O embaixador estacou, tomado de surpresa.

– Não, não é preciso. Eu volto já – disse, afastando-se antes que o cunhado lhe fizesse mais perguntas.

– Ui, tanto mistério! – exclamou ela, batendo as palmas.

– Para onde levará ele os nossos documentos?

Ana observou a tia, com os seus cabelos arruivados, as sardas marcadas e a personalidade efusiva de um colibri, enquanto dava um beijinho ao primo.

– A tua mãe é mesmo parecida contigo – segredou ao ouvido do rapaz.

André riu-se.

– Aposto que não estás a referir-te à cor do cabelo.

A prima respondeu-lhe com uma gargalhada e um *high five*.

– Com que então, Veneza, hã? – comentou ele com Maria.

– Quem poderia imaginar? – respondeu ela, num estranho tom casual com um toque de ironia.

– Afinal, a Ana sempre tinha razão...

Maria fitou-o com ar interrogativo, passando os cabelos castanhos por cima do ombro direito e alisando-os com as mãos.

– Os *trinta* biquínis que trouxeste afinal não te vão fazer falta... – explicou-se ele.

Em vez de responder, a prima limitou-se a reprimir um sorriso. André admirou-se com a reação.

– Os estrangeiros não vêm a Veneza para ir à praia – insistiu, decidido a arrancar-lhe um comentário. – A menos que tenham intenção de mergulhar nos canais...



– Só se quiserem tomar um banho de bactérias, porque além de ser ilegal e dar direito a multa, é muito perigoso para a saúde! – acabou ela por informar, rindo. – Como podes imaginar, Veneza não tem propriamente um sistema de esgotos moderno...

– Argh! – fez o primo, com uma careta enojada, visualizando o que a prima acabava de lhes explicar.

O embaixador regressou nesse instante.

André sempre admirara o estilo do tio, com a sua postura claramente diplomática, a escolha sóbria das vestimentas, o caminhar demorado, enquanto observava constantemente

as pessoas que o rodeavam. Naquele momento, porém, estranhou que, estando dentro do aeroporto, o embaixador mantivesse os óculos escuros no rosto.

Ao ver chegar o irmão, Isabel bateu as palmas e exclamou:

– Já sei! Já sei! Vamos para o Lido de Veneza, não é, Hugo? As praias não serão como as da Sardenha, mas também não são más.

– Ummm... Na verdade... – pigarreou ele, colocando os óculos na ponta do nariz e prosseguindo em voz baixa, enquanto olhava à sua volta com discrição. – Veneza não é o nosso destino final.

– Não?! – exclamou ela, boquiaberta.

Ana e André trocaram olhares, perplexos.

– Quer dizer... – corrigiu-se Hugo, de testa enrugada, como se avaliasse a veracidade do que acabava de dizer. – É e não é.

– Como assim? – perguntou a irmã, cerrando agora os dentes e alargando exageradamente os lábios. – Então não vamos para o Lido?

Nesse momento, um indivíduo alto e magro, com um bigode negro e óculos escuros que repousavam sobre um nariz comprido, aproximou-se e entregou um monte de documentos ao embaixador. Fez-lhe então um aceno discreto com a mão, como se lhe indicasse o caminho.

Ana e André voltaram a entreolhar-se, cada vez mais curiosos. Ambos reconheciam o indivíduo. Lembravam-se de o ter visto à chegada, de fato escuro e segurando entre as mãos um cartaz que, na altura, nenhum deles tinha chegado a ler. Era um motorista privado.

– O melhor é seguirem-me – pediu Hugo Torres à família.

– Em breve compreenderão tudo.

E começou a afastar-se, continuando a olhar por cima do ombro com ar enigmático.

– Então e os documentos de identificação? – quis saber o cunhado, começando a preocupar-se.

– Tudo a seu tempo... – respondeu Hugo, sem se voltar para trás e acelerando o passo.

– Que história, esta! – disse Carlos a Isabel, num sussurro.
– Mas afinal para onde é que vamos?

A mulher encolheu os ombros, quase a desculpar-se.

– Honestamente, não sei o que se passa, querido – respondeu-lhe, caminhando atrás do irmão. – O Hugo não costuma ser assim.

– Bem... – disse André, esfregando as mãos de contente – parece que, desta vez, o mistério começa mais cedo.

– Podes crer! – concordou Ana, seguindo o primo e enfiando os óculos de sol no topo dos seus caracóis dourados.
– Ainda nem sequer chegámos ao destino e já temos coisas para descobrir!

Empurrando a mala pelo chão de mármore sem dificuldade, Maria sorriu, com ar impenetrável.

O grupo dirigiu-se para a saída do aeroporto. Ao chegarem ao exterior, o motorista aproximou-se de uma carrinha Mercedes preta, cujos piscas se ativaram por momentos com um bip. Abriu-lhes as portas e indicou-lhes que entrassem, enquanto ele arrumava as malas no porta-bagagens.

Momentos depois, arrancou em direção ao destino que só ele, o embaixador e Maria pareciam conhecer.